

Amor(a)

By CP

Não sou escritora, não tenho essa pretensão. Escrevo para ocupar um vazio que muitas vezes não vai embora. Escrevo pelo prazer que tenho em «tocar» nas palavras que me tocam.

No fundo, devolvo-lhes a emoção.

Escrevo sobre o amor real; sobre o Amor que queremos realmente ter, um Amor completo que nos aconchega, nos preenche. Um Amor que realmente me ama como eu o amo a ele. Perdoem-me os desvarios, os descontroles, mas não sou eu a culpada, é ele, o Amor que ganha vida em mim e avança no papel como dono da minha escrita e eu deixo, confesso. Sou um personagem fictício num momento de alucinação e o meu tempo vazio é cheio com romances, poesias, música, e todo o mais que tenho guardado na minha gaveta de lembranças.

Não escrevo no desafio de perturbar a paz de cada um. Escrevo sim, no desafio de atizar os sentimentos que muitos escondem com receio dos outros. E é sempre assim, os outros, que deixamos que controlem nossas vidas mal vividas, pouco vividas ou nem sequer vividas.

Não me deixes desistir, não me deixes de todo neste choro ininterrupto que enxugo com disfarce.

Odeio a solidão, não sei conviver com ela e luto para que não partilhe o meu espaço....

Fecho as janelas, tranco a porta e oiço-a bater.

Insiste.

Leva-me ao desespero de não mais poder ouvir a sua batida nesta porta dura e hermética que trago comigo.

E aqui estou, à espera de um abraço retornado que partiu de manhã bem cedo e me deixou na incerteza de uma paixão desconhecida.

Não me deixes desistir,

se quiseres o que te dou sem limites, sem barreiras, sem constrangimentos na entrega deste corpo singelo, torneado por um cinzel único, sem reproduções, limitado a um simples número de série.

Não me deixes desistir,

sem que olhes para traz e percebas o que fica, percebas o que ficou por dizer, por sentir, por amar.

Não me deixes desistir sem que desista primeiro da discórdia do teu regresso, sem que desista de um sofrimento que não desejo.

Não me deixes desistir

e abrir a entrada à desistência que, tal a brisa que passa onde mais nada entra, se encerrará neste espaço, agora, aberto, não para sempre, mas aberto incondicionalmente para ti.

O Amor é um amasso inesquecível

no vão das escadas porcas de uma rua sem saída, onde há restos de sémen violentos, escorridos das pernas das prostitutas vadias que se vendem em promoções «Pague uma, leve duas».

O Amor é um aperto quente que não se esquece e vicia o corpo

tal heroína,

numa dependência de prazeres que só se encontram, por acaso, sem indagar, sem procurar, sem explicar.

O Amor é uma foda que fica na pele onde o suor brota em imundice malcheirosa que lambemos com prazer.

O Amor é um afago grotesco que carece de prefácio para terminar em corpos unificados na invasão física que desejamos com loucura descontrolada, sedenta de beijos fartos, decididos.

Se assim não for, o Amor não é nada, exceto um eco que nunca percebemos de onde vem.

Se não for assim, o Amor é um investimento desinvestido que não vale a pena reter.

O Amor é uma foda sim, uma só,

numa tesão que permanece, se arrasta no tempo, se imortaliza e, então, é Amor.

Escrever é fazer amor com as palavras que não te consigo dizer sempre que te fito no silêncio deste quarto quente onde estamos.

O meu silêncio dá-te certezas de que o melhor de mim é teu e quando acordamos neste abraço suado necessário... o toque é tudo nesta relação muda.

O toque fala por nós num diálogo inevitável em corpos que falam na mudez deste espaço promíscuo, secreto, onde tudo se resolve.

As diferenças encontram-se, unificam-se em encaixes de sonhos humedecidos.

Este é o amor que queremos para nós.

Só este é nosso.

Incompreendido para a fantasia amorosa comercializada na tela cinematográfica onde a perfeição de um Amo-te, no momento esperado, me arranca gargalhadas no silêncio lacrimejante dos presentes.

O meu Amo-te está no toque que toda a noite tenho de te dar. Não durmo sem que a minha mão toque nas tuas costas longas e

tal como uma criança precisa do seu peluche favorito, careço de pele, de corpo.

Careço do teu corpo quente no inverno e horrivelmente quente no verão quando mais te toco nesta nudez que nos acompanha.

Este amor real está presente nas rotinas rotineiras e vulgares que partilhamos no enlace pleno a que me entrego, me recebes, te entregas, te recebo, sempre, desde sempre, para sempre.

O que eu tanto gosto em ti?!

Pergunta tola me fizeste ...

É a tua gargalhada estridente, sem motivo ou fundamentação...

A gargalhada louca que nos chama ao pecado delicioso e cálido nesta noite de verão insuportável.

Gosto daquele beijo pacífico matinal que não esqueces nunca, depois do café da manhã que faço para nós.

Gosto da leitura que fazes da minha face e que saibas ler este livro que sou e vivalma vê.

Gosto do teu amasso

ora subtil, ora grotesco, de uma posse machista e decidida.

Gosto que rias comigo numa mescla inseparável de emoções.

Gosto do teu mimo quando choro de desalento de uma vida corrida.

Gosto de tanta coisa e tudo é bom,

tudo és tu,

tudo somos em pormenores que nos decifram, nos marcam mais que a impressão digital que deixas em mim quando me amas na cama, no chão, em qualquer lado.

Gosto de gostar, querer, pedir-te que venhas, que me beijes como se estes lábios fossem uma peça do puzzle que fazemos.

Juntos somos tudo,

absolutamente tudo numa história congelada em fotos espalhadas como pedaços de mim, de ti, de nós.

Dança comigo no vazio sonoro em que o eco dos nossos movimentos corporais é musical.

Escuta como canto para ti sem proferir um som.

Canto no silêncio físico, inaudível que tu ouves

Sente a batida apoteótica deste coração incapaz de reter tamanha sinfonia.

És o maestro de batuta na mão que com gestos sabidos, rápidos e seguros, me conduzes neste concerto a dois a um êxtase cavalgante de delírios.

E neste vazio sonoro, pleno de géneros musicais tão distintos, erguemos uma obra de arte sonante, criada num ritmo harmonioso, sensual, neste canto que te faço ao ouvido, nesta coreografia despida, dançante, que te deleita o corpo fatigado depois de desafiares a alma que te dou, a alma que entrego ao teu corpo firme que se dá, se partilha, se consome numa combustão quente que não arrefece o desejo que chama por ti.

Sei que não és meu, não ousa a pretensão de te ter.

Fico-me pela quimera nesta tortura que dói, sem realmente doer.

Deixaste, por descuido, o teu casaco pendurado junto ao meu e trouxe-te para casa no cheiro que partilhaste sem querer.

Saber-te nos beijos de outra desorienta-me a lógica madura que supostamente deveria conter, mas a tua sedução sem seduzir, seduz-me neste encanto encantado que se deita comigo na cama que guardo para ti.

E é lá que toco a tua tez máscula e faço de ti homem amado, querido, desejado na plenitude a que temos direito.

É lá,

na cama que te aguarda, no lugar que te reservo neste desejo cego que não percebes.

Sei-te feliz e, por inveja ou ciúme,

a ferida que não sara, cresce neste delírio em que viajo contigo numa manhã de sorrisos, pequeno-almoço na cama e afagos gentis, depois de uma noite de amor exausto, sentido, perdido nos limites do inatingível.

E assim vivo na esperança de que voltes a deixar por acaso, o teu casaco junto ao meu e te traga, renovado, nesta emoção que me consome o corpo e me sustenta a alma faminta que só tu sacias.

Há quem escreva sobre o Amor idílico, despromovido de gestos violentos e de prazeres egoístas.

Há quem escreva sobre o Amor desenhado pelas mãos de uma criança. Há quem escreva tanta coisa sentimental, alheia a toques e carne.

Eu gosto de escrever sobre o Amor real, sobre o Amor que nos despe com os olhos, nos puxa violentamente os cabelos enquanto ama o nosso dorso.

Escrevo sobre o Amor que devora, que possui o corpo com beijos mordidos, marcados, encharcados...

Escrevo sobre o Amor puro de quem ama num desejo feroz, desgovernado, animalesco.

Um Amor arrebatado que, já longe de flores ou passeios de mão dada, sabe o que quer.

Escrevo sobre o Amor que une dois corpos em fluídos reconhecíveis, desejados.

Sem limites, sem fronteiras, num pseudo pudor literário, avanço.

Falo do Amor Paixão procurado.

O Amor que nos fica bem no corpo nu e na alma resignada aos seus caprichos ousados e ditadores.

Numa escuridão de mágoa, dor e desalento, surgiste como uma folha em branco na vida que achava perdida numa morte antecipada.

Ergueste o meu espírito doente e levaste-me a ver as ondas numa viagem promissora que, com descrédito, fiz.

Deixei-me levar, desmotivada, indiferente.

Recusei amar, recusei beijar, recusei sentir.

«Deixa-me amar-te», escreveste na primeira e única carta que me deste.

Ainda a tenho.

Ainda a leio na memória de uma vida renascida,

na memória de um amor novo,

vindo do zero, incomparável.

Pediste-me e eu deixei, certa da incapacidade provisória de retribuição.

Deixei e percebi que há amores tão maiores na esperança finita de se saber nascer para o amor.

Deixei, fui e fiquei agarrada a um beijo mútuo, eternizado nesta espera minha de sempre e para sempre.